



ANÁLISE COMPARADA DE VIDEOCLIPES PRODUZIDOS NA BAHIA: *MESMO EU ESTANDO DO OUTRO LADO E A JANELA.*

Larissa Ribeiro Reis¹
Anderson Soares²
Regina Gomes³

Resumo: *Estudo comparativo entre dois videoclipes baianos Mesmo Eu Estando do Outro Lado e A Janela, produzidos respectivamente para as bandas Cascadura e O Círculo. Serão analisados, a partir dos conceitos discutidos por Arlindo Machado e Thiago Soares o contexto do discurso ou as circunstâncias sócio-históricas da produção, os aspectos de conteúdo que dizem respeito às temáticas exploradas nas peças musicais, os aspectos de forma que remetem ao sistema formal-estilístico dos clipes e a relação indissociável entre forma e conteúdo.*

Palavras-chave: Audiovisual; Videoclipe; Música popular massiva; Gênero musical.

INTRODUÇÃO

O videoclipe é um produto audiovisual influenciado pela estética experimental e transgressora da vídeo-arte de Nam June Paik, da década de 60, assim como pelos ideais da Pop Art (que tinha como referência tanto os campos artísticos como expressões populares retiradas do cotidiano). Garantindo uma experiência totalmente híbrida aos telespectadores, o clipe foi absorvido pela indústria cultural de massa e utilizado como ferramenta publicitária para promover artistas da música *pop*.

O videoclipe assume um lugar evidenciador de duas lógicas produtivas da mídia: *a música popular massiva* e a televisão. Dos sistemas da música popular massiva estabelece a relação entre artistas, diretores de audiovisuais, diretores de arte e de marketing da indústria fonográfica com a finalidade de se configurar como objeto de divulgação de uma faixa musical. (SOARES, 2007, p. 2)

Tal afirmação infere a ligação desse produto às estratégias de produção e comercialização da música e na produção de discursos imagéticos e valorativos referentes aos gêneros musicais, através do formato televisivo, que atualmente abrange outros media, como o DVD e a internet.

Mesmo regido pela lógica produtiva (econômica) da música popular de massa e da TV, é possível perceber que o videoclipe transmite além da imagem do artista e o que é dito em sua música: ele recria um universo iconográfico no qual a música e imagem fazem parte, se

¹ Autor: Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica do Salvador.
E-mail: jalareis@gmail.com

² Co-autor: Graduando em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica do Salvador.
E-mail: andersonsoares3@hotmail.com

³ Orientador: Professora Dra.Regina Gomes, do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador.



relacionam, constituindo uma nova significação para essa combinação. “Em primeiro lugar, o velho clichê publicitário segundo o qual o clipe se constrói a partir da exploração da imagem glamurosa de astros e bandas da música *pop*, vai sendo aos poucos superado e substituído por um tratamento mais livre da iconografia.” (MACHADO, 2003 p. 176). É importante salientar que essa liberdade expressiva corresponde às características do gênero musical que o clipe representa, aceitáveis pelo público ao qual é destinado, reforçando a idéia de Soares (2007, p. 3) de que “[...] as classificações genéricas no campo da música, em inúmeros casos, obedecem a pressupostos de uma dinâmica de reconhecimento do público consumidor num produto, não incorporando aspectos estritamente musicais [...]”, ou seja, o videoclipe também reforça, ao associar imagens a determinado tipo de música, a iconização dos gêneros da música popular massiva. Segundo Janotti Jr. (2005 apud SOARES, 2005, p.2) “[...] a idéia de música popular massiva está ligada às expressões musicais surgidas na segunda metade do século XX e que, a partir do rock, se valeram do aparato mediático contemporâneo [...]”.

Para estabelecer a comparação entre videoclipes nacionais, produzidos na Bahia, é necessário compreender as características técnicas deste gênero audiovisual e situá-lo na indústria cultural nacional e local. A primeira, e talvez a característica mais emblemática, é a sua natureza híbrida, pois, o clipe utiliza conceitos do cinema, da televisão, e do discurso publicitário, mas sem regras fixas (CERDEIRA, 2007, P. 7), assegurando a liberdade criativa percebida em marcas, nem sempre utilizadas, como a edição, animação, imagens primitivas, sujas, mal iluminadas, com a câmera instável. Possui um grande poder de síntese expressiva, pela sua curta duração, estrutura de narrativa circular, havendo a repetição de cenas e despreocupação com a continuidade, seja de som e imagem, de figurino ou cenário, “buscando uma nova visualidade, de natureza mais gráfica e rítmica do que fotográfica” (MACHADO, 2003, p. 178), sem necessariamente a presença física dos intérpretes da música. “Em lugar de uma galeria de retratos animados de astros e estrelas do mercado fonográfico, o videoclipe passa agora a ser encarado com uma forma autônoma, na qual podem se praticar exercícios audiovisuais mais ousados” (MACHADO, 2003 p. 176). Mesmo com seu caráter comercial, que visa divulgar e promover o artista ou uma banda, o videoclipe conta com a liberdade de produção e experimentação para materializar a música, em um mercado que pôde ser difundido com o surgimento da emissora de televisão, MTV, nos Estados Unidos em 1981.

No Brasil, a MTV demorou a chegar, mas o videoclipe já podia ser visto em programas da Rede Globo, como o Fantástico, que nas décadas de 70 e 80 já exibia clipes de artistas nacionais como Raul Seixas. Em 1990, com a chegada da MTV Brasil, filiada à norte-americana, foi possível intensificar a produção nacional de videoclipes e ter acesso às produções estrangeiras. Com esse novo segmento de canal, a linguagem “videoclíptica” pôde ser adotada também como referencial de linguagem nos meios de comunicação brasileiros.

A produção de videoclipes na Bahia perpassa tanto pela publicidade quanto pelo experimentalismo. Primeiramente, com o intuito de promover os artistas que faziam parte do movimento novo musical apoiado pela indústria fonográfica, o *Axé Music*, que teve como precursores, Luis Caldas e Sarajane, os quais tiveram clipes divulgados em rede nacional, na década de 80. Enquanto as imagens do circuito comercial da música baiana explodiam no Brasil e no mundo, o cenário do rock independente de Salvador – constituído por artistas e bandas desse gênero musical que não são vinculados aos grandes selos musicais e gravadoras, que gravam seus discos em estúdios de pequeno ou médio porte – crescia no *underground*, mas com um ponto a favor: era nessa cena que estavam os universitários dos cursos de comunicação e



artes, artistas, cineastas, publicitários locais, quando eles mesmos não eram os músicos. Logo, na década de 90 surgiram clipes de bandas como *Úteros em Fúria*, *The Dead Billes* e *Dr. Cascadura*, agora assinando como apenas *Cascadura*. Essas produções reuniam amigos, a fim de colocar as idéias em prática, experimentar a nova forma de expressão audiovisual da época, o videoclipe. Inspirados pelos clipes e pela estética das bandas de punk rock, rock dos anos 50, 60, e 70, como o *Velvet Underground* (banda que é referência em termos de produção de videoclipe), a parte comercial do videoclipe ficava comprometida por tratar de produções independentes sem apoio da indústria fonográfica para a distribuição do material nas emissoras de televisão. Mas, mesmo assim, visava difundir a imagem das bandas, e o rock baiano, que ainda era pouco conhecido.

Hoje, Salvador conta com uma maior quantidade de bandas independentes proporcional aos novos espaços e reconhecimento do público local, assim como a formalização da prática audiovisual favorecendo a produção de videoclipes.

Este artigo propõe produzir um estudo comparativo entre dois videoclipes produzidos na Bahia para bandas do cenário independente local, a partir dos conceitos discutidos por Arlindo Machado e Thiago Soares. Alguns indicadores servirão de base para a perspectiva comparativista, a saber, o contexto do discurso ou as circunstâncias sócio-históricas da produção, os aspectos de conteúdo que dizem respeito às temáticas exploradas nas peças musicais, os aspectos de forma que remetem ao sistema formal-estilístico dos clipes e a relação indissociável entre forma e conteúdo.

O critério de escolha foi estabelecido pelo momento atual da produção audiovisual no estado, principalmente na cidade de Salvador - notado o investimento das bandas independentes em videoclipes e o reconhecimento desse material, sejam em premiações locais, regionais ou pela veiculação em emissoras de TV e internet para um grande público e também, pela carência de estudos acadêmicos sobre as produções baianas desse gênero audiovisual.

Mesmo Eu Estando do Outro Lado é uma animação dirigida pela dupla baiana de designers/animadores, Luís Guilherme Campos e Zeca de Souza. Esse clipe teve lançamento em rede nacional na MTV, em julho de 2008, marcando o reconhecimento do rock baiano e da banda que completou dezesseis anos de formação. *A Janela*, também de 2008, é resultado de um trabalho acadêmico dos alunos do Curso de Cinema e Vídeo da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador. Dirigido pelo estudante Rafael Jardim, mescla animação com cenas reais.

CONTEXTO DO DISCURSO

Ambos os objetos foram produzidos em circunstâncias atuais, entre 2005 a 2008, tempo que levou da composição e lançamento das músicas, até a produção e lançamento dos videoclipes. A música *Mesmo eu estando do outro lado* é a faixa número sete do quarto CD do *Cascadura*, *Bogary* (2006), e o seu clipe de 2008. *A Janela*, segunda faixa do primeiro CD da banda *O Círculo*, *Estamos em toda parte*, lançado no início de 2007, resultando no videoclipe, em 2008.

Nesse período, a música internacional é dominada pelo gênero musical *Hip hop* norte-americano, que também influencia o Pop, e vira moda entre os jovens de todo o mundo. O



Emocore surge com uma demanda de bandas novas, como *My Chemical Romance*, *Panic at the Disco*, e no Brasil, *Fresno* e *NX0*. Esse estilo de rock é mais emotivo, com letras depressivas, e que tratam de temas como relacionamentos mal sucedidos. Na tribo dos “Emo” os adeptos se vestem de preto, possuem cabelos alisados com franjas que cobrem os olhos, e os homens também usam lápis nos olhos e pintam as unhas, estética percebida nas imagens dos videoclipes do gênero.

A música brasileira passa por uma boa fase quanto aos novos artistas e os que já estão na estrada, principalmente para a MPB, tornando o estilo cultuado pelos jovens, assim como o samba e o rock independente que ditam moda, fazendo parte da tribo dos alternativos, que frequentam ambientes culturais, menos badalados, porém populares entre o grupo.

A indústria fonográfica continua com a luta pelos direitos autorais devido à pirataria de CD’S e DVD’S e a disponibilização de material audiovisual na internet. Por outro lado, alguns artistas defendem o livre acesso às músicas e vídeos, e a criação de selos independentes (como é o caso do cantor e compositor Lobão responsável também pelo lançamento nacional do CD do *Cascadura*, *Bogary*, pela revista *Outra Coisa*) que barateiam a produção e distribuição, como forma de propagar ainda mais o trabalho.

As emissoras de televisão, meio pelo qual se propagava com maior força as imagens dos artistas agora têm como principal concorrente os dispositivos *online*. Com isso, artistas e bandas independentes têm mais chances de divulgar seu trabalho e despontam no cenário musical de massa, tendo como principal mídia a internet, para divulgação de fotos, músicas, agenda, trechos de shows e videoclipes, utilizando dispositivos como fotolog, *myspace*, *You Tube* e *orkut*, o que acontece com as bandas dos clipes analisados.

Temos então um embaralhamento da ordem de disponibilidade de materiais expressivos e uma nova apresentação das estratégias de circulação dos produtos musicais massivos. Considerar essa relação significa também empreender novos graus de familiaridade com suportes digitais de captação de imagem por parte do expectador. (SOARES, 2007, p. 6-7).

O cenário do rock baiano ganha notabilidade em âmbito nacional com o sucesso da roqueira *Pitty* que leva consigo o nome de bandas já existentes no *underground* há mais de dez anos como o *Cascadura* e *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*. A cena deixa de ser tão fechada e passa a ganhar visibilidade também no próprio estado em que predomina o *Axé*, o *Pagode* e o recente *Arrocha*. Com a movimentação dessas bandas pelo espaço virtual, outras bandas puderam se lançar e tornarem-se conhecidas. *O Círculo* é uma delas, que reúne músicos de uma banda de Reggae do cenário local e já foi comparada ao fenômeno do rock nacional dos anos 2000, os *Los Hermanos*, por definir o seu gênero musical como “Rock Popular Brasileiro”.

A grande quantidade de bandas independentes na Bahia impulsionou a produção de videoclipes. O desenvolvimento dos cursos ligados ao audiovisual em Salvador também favoreceu essas experiências locais, que já têm diretores renomados como Ricardo Spencer.

Os videoclipes baianos exercem corretamente a sua função comercial e experimental. *Mesmo eu estando do outro lado* continua sendo veiculado na MTV Brasil, no *You Tube* já tem mais de quarenta mil visualizações e, em Salvador, no prêmio *Bahia de Todos os Rocks*, acaba



de vencer as categorias Videoclipe do ano, assim como contribuiu para o *Cascadura* levar o prêmio de Banda do Ano no mesmo evento. *A Janela*, com mais de cinquenta mil visualizações no *You Tube*, foi a segunda música de trabalho da banda, e ganhou o primeiro lugar como Melhor Videoclipe, no IV CurtaCom, em Natal-RN, e segundo lugar na 4ª Mostra Baiana de Videoclipes.

ASPECTOS DE CONTEÚDO

Mesmo Eu Estando do Outro Lado aborda temas como relacionamento, reconciliação, o amor, o discurso masculino, e as formas de comunicar o sentimento para o outro. A letra da música expressa o eu lírico (entendido aqui como a voz que se expressa na canção) masculino, “Ainda sou o mesmo cara que fala de amor”, “Sem ter vergonha nem medo, mostrando quem sou” tentando demonstrar o seu sentimento para o seu par, que está distante, na tentativa de uma reaproximação “Pode crer que a nossa história ainda faz muito sentido”, “Quero ficar contigo”, “Por isso que eu te liguei”. O discurso masculino é colocado de forma contrária ao convencional, e machista da sociedade, mas em alguns trechos é possível perceber o seu papel ainda dominante. O homem se mostra sensível, demonstrando seu amor, sem constrangimentos, sofrendo pelo término da relação, o levando ao isolamento e admitindo isso para o par, comportamento geralmente atribuído pela sociedade às mulheres e condenado pelos homens que são considerados frios e inconstantes nesse tipo de relacionamento, ao mesmo tempo em que ele diz “Por isso que eu te liguei”, retomando o ideal machista, sugerindo que o homem é quem deve agir.

No videoclipe a interação entre música e imagens se dá através de uma narrativa em animação enriquecida por outros temas, mostrando a evolução das comunicações que serve de fundo para a principal mensagem do videoclipe: expressar o sentimento à distância. A superação das distâncias, o desejo do homem de se relacionar com o outro e de se comunicar, acontecimentos históricos, como a guerra, o movimento *Hippie*, com suas cores e psicodelismo, o avanço tecnológico e dos meios de comunicação como o rádio, são retratados no clipe. Desde o início das civilizações, o homem das cavernas e suas pinturas rupestres, o nativo americano (antes de Colombo) e seus sinais de fumaça, o naufrago do período das Grandes Navegações e as mensagens enviadas em garrafa, o astronauta, a TV, a Era do Vinil, até à da internet, os personagens estão sempre tentando dizer “Eu te amo” para alguém que está distante, embalados pela música que tem referências do rock antigo como *Elvis Presley* e *Beatles*.

Enquanto o clipe anterior, *Mesmo Eu Estando do Outro Lado*, trata do relacionamento entre duas pessoas, um homem falando para o seu par, *A Janela*, remete ao sentimento de uma pessoa em relação ao mundo exterior e ao seu próprio mundo. Na letra da música, o eu lírico não possui um gênero determinado, “O mundo é pequeno pra mim”, “Não quero ver TV nessa janela”. Na junção de música e imagem, a “janela” representa uma metáfora, embasando uma crítica à forma padronizada como todos vêem as coisas e como elas são retratadas de forma repetida: fotos, jornais, a TV que priva o convívio social e impõe a sua verdade, levantando temas como o tempo (a repetição de fatos em diferentes épocas, a relação que a personagem do clipe tem com o dia e com a noite e a convenção do tempo baseado no relógio) e espaço (interpretado como os espaços globais de convívio social que causam desconforto, e se tornam pequenos diante das regras e convenções). O eu lírico nega isso para si quando diz “Mais um passo nesse espaço, tanto espaço e ainda assim”; “O mundo é pequeno pra mim”; “A janela, a



forma dela”, “O mundo todo dentro dela”; “É pequeno pra mim”; “Olho milhares de fotos, jornais”; “Tantos lugares e nada mudou”. Outro momento da música é quando o eu lírico fala porque o seu mundo é diferente e como ele se constituiu, “Talvez por ter vivido só”, “Eu tenha me feito assim”, “Criei um mundo bem maior”, “E melhor pra mim”, ou seja, ele pensa por si, suas referências e gostos ele mesmo buscou, se tornando livre de algumas amarras, incentivando a liberdade de expressão e as novas identidades. No clipe esse momento é mostrado com a chegada da noite, quando a personagem faz o que realmente gosta: rodar os *swing poes*.

No videoclipe, a personagem que protagoniza a narrativa é feminina, e as imagens remontam à mensagem da música, em que a janela é vista dentro de um espaço limitado, formatado. A liberdade só é conquistada quando pode ser vivido o que está do lado de fora, e não mais pelo que é mostrado pela janela.

OS ASPECTOS DE FORMA

Mesmo eu estando do outro lado é um Clipe de animação. Com o método *Pose-to-Pose*, essa animação é voltada para a ação e não para o lado artístico da animação. O animador utilizou poses chave com um espaçamento maior entre os *Keyframes* para que a animação fosse produzida mais rápida, com um espaçamento médio entre os *Keyframes*, de 5 a 10 *Frames*. O animador fez a interpolação automática através de um *software*, resultando em uma produção mais rápida, mas sem muitos detalhes e expressões no movimento.

No clipe cada quadro foi desenhado à mão, scaneado e finalizado no computador. Os desenhos foram trabalhados em *software* para modelar e criar efeitos de tridimensionalidade, acrescentando uma textura às cenas e trabalhando uma finalização que deu uniformidade ao desenho.

A estrutura narrativa do videoclipe se assemelha à aristotélica, possuindo início, meio e fim. Mas ainda assim, há descontinuidade, tendência do videoclipe pontuada por Arlindo Machado (2003 p. 180), que pode ser percebida na mudança de cenários e desordenação das cenas.

A partir da história de amor contada que tem como pano de fundo a evolução dos meios, é possível identificar todos os agentes da narração, como o Herói em busca de bem desejado, e os antagonistas que são os elementos da natureza, destino, o avanço dos meios de comunicação com o tempo. Um personagem masculino é o protagonista da narração, representando o “cara” da música, e o homem que se modifica juntamente com as épocas mostradas no clipe. Todo o esforço do personagem para comunicar os seus sentimentos à personagem feminina, implícita, é demonstrado através das situações de comunicação de cada época buscando estar em sincronia com a música do videoclipe. A banda aparece no clipe como participante da própria narrativa e também na *performance da canção*, que segundo Thiago Soares (2007, p. 4) tem a intenção de valorizar os aspectos sonoros e específicos dos artistas que interpretam a canção - relacionada à entonação da voz, cenários que a música remete valores intrínsecos na canção. No clipe, o *Cascadura* é o agente que contribui para manter a lembrança da situação em que o personagem está envolvido, contada na música, e também em referências no decorrer da narração, como o disco e o nome de uma música da banda que aparece no computador do personagem. A natureza e o destino atrapalham o “homem” em seu objetivo, como os raios que destroem o desenho na pedra, o Espírito de Vento que apaga o sinal de fumaça, o afastamento do homem que é mandado



para a lua ou para a guerra. Mesmo com o rádio, a TV e a internet, o dilema do personagem continua o mesmo, na tentativa de uma reaproximação com a outra pessoa.

A *Janela* é um clipe de ficção, numa estrutura de vídeo-arte, em que se busca uma expressão estética da forma pela forma, ou seja, o impacto das formas mostradas é mais importante do que uma história em si. É filmado em câmera DV digital, que permite uma excelente qualidade de imagem com um baixo custo e a captação das imagens no formato digital, porém, o suporte de armazenamento é analógico.

As imagens são computadorizadas e editadas em *software* de edição e tratamento de imagens. São utilizados efeitos de transformação para que a personagem, objetos e cenário assumam o aspecto de animação. O videoclipe ainda conta com a técnica do *chroma key*, que filma os atores num fundo verde ou azul, e adiciona ao fundo o cenário computadorizado, nesse caso, um quarto com janelas e molduras nas paredes, sem que as imagens interfiram com o personagem.

A narrativa não sugere a linearidade como o outro videoclipe analisado, mas é possível perceber a lógica da história criada e seu desfecho. Possui apenas uma personagem, a garota que passa o dia inteiro no quarto, como se fosse o seu mundo paralelo, em que o único contato com o mundo externo é através de uma janela. O ambiente do quarto é limpo, sem muitos objetos, para demonstrar o tédio em que a personagem se encontra ao esperar a passagem do dia, até o grande momento que é a chegada noite, em que ela pode fazer o que gosta.

FORMA E CONTEÚDO

Os objetos simbólicos analisados apresentam forte ligação entre o que é dito e mostrado. A animação criada para *Mesmo Eu Estando do Outro Lado* pede uma trilha sonora que acompanhe o ritmo do desenho. Por outro lado materializa a música, dando a possibilidade de interpretação da letra através do que a banda e o diretor quiseram mostrar, ou seja, uma banda de rock, assinando um clipe com influências das baladas românticas antigas, superando as barreiras dos estilos e do tempo, demonstrando em letra e imagem o romantismo e privilegiando o olhar masculino que guia e direciona a narrativa poética-sentimental. Nesse clipe as imagens traduzem quase que fielmente o que quer dizer estar do outro lado, a noção da distância, do sofrimento, quanto tempo pode-se esperar uma resposta e a inclusão da música e da banda como personagens da narrativa, em momentos de recordação, de sonho e de esperança. O protagonista do videoclipe pode ser o mesmo que assume a voz na música, através das marcas de gênero da letra.

A *Janela* expressa o que é dito na música com as próprias imagens intercaladas entre o real e a animação, e formas, fazendo com que a mensagem da música seja transportada pelo que é mostrado. A sincronia entre som e imagem se dá em algumas tomadas do clipe, quando as cenas representam literalmente o trecho cantado e a estrutura circular que repete tomadas e formas acompanha a estrutura da música.



CONCLUSÃO

A análise dos videoclipes *Mesmo Eu Estando do Outro Lado* e *A Janela* permitiu a elaboração de um panorama comparativo estruturado de acordo com o contexto dos discursos, os aspectos de conteúdo, aspectos de forma, e da junção de forma e conteúdo de ambos os clipes. Norteadas pelos conceitos de Arlindo Machado e Thiago Soares, pelo suporte audiovisual dos próprios videoclipes analisados e pelo material consultado sobre os envolvidos nas produções, é possível perceber marcas que as inserem no mesmo gênero musical, o rock, a mensagem passada nos discursos sonoro-imagéticos e, o direcionamento das mensagens ao público.

Produzidos dentro do mesmo contexto do discurso, entre os anos de 2005 a 2008, os clipes se mostram como resultado das transformações dos cenários musical e audiovisual baianos. A utilização de animação em ambas as produções e da tecnologia digital na concepção de imagens demonstra o amadurecimento desse gênero audiovisual tanto no Brasil, quanto na Bahia. As letras das músicas, os instrumentos que marcam os sons e as imagens dos clipes e suas formas de distribuição reforçam a iconização de ambas as bandas.

Se tratando dos aspectos de conteúdo a temática de *Mesmo Eu Estando do Outro Lado* difere de *A Janela*. No primeiro, o discurso é mais leve, romântico. O “eu-lírico” masculino fala do seu relacionamento com alguém, na tentativa de uma reconciliação, evocando um contra-discurso machista ao confessar seus sentimentos, ao mesmo tempo em que reafirma a posição como homem que toma iniciativa. No videoclipe, esse discurso é tomado como base para uma narrativa contada através da evolução das comunicações, e de acontecimentos históricos. O segundo clipe possui um conteúdo mais reflexivo, crítico, em que o “eu-lírico” personificado feminino fala da sua própria vida e da sua relação com o mundo, da sua insatisfação com o modo padronizado em que estão inseridos o tempo, a sociedade, e a repetição de fatos. A “janela” como metáfora para formatação, limitação; limite para a liberdade de expressão.

Nos “aspectos de forma” e de “forma e conteúdo” os clipes analisados se aproximam. Ambos utilizam técnicas de animação sendo *Mesmo Eu estando do Outro Lado* animação tradicional, seguindo uma narrativa mais linear e *A janela* uma mescla de animação com imagens reais. Porém nos dois clipes é indissociável o tempo da música em relação às imagens. Em *Mesmo Eu estando do Outro Lado* essa ligação é ainda mais forte pois a trilha sonora acompanha o ritmo da animação; mensagem visual faz referência à musical (elementos da música aparecem o clipe, personagem remete ao “eu lírico” da música), e a própria banda participa do videoclipe.

As temáticas abordadas nas músicas, a representação imagética nos clipes, assim como a própria imagem referente às bandas exercem grande influência na recepção dos videoclipes analisados. O *Cascadura*, em *Mesmo Eu Estando do Outro Lado* assume uma veia romântica e batida mais leve refletidas na animação produzida para o clipe. Diferente da sua imagem *rock n’roll* pesada do underground baiano da década de 90, a banda que possui dezessete anos de carreira, apresenta no clipe o seu atual momento. No auge do seu sucesso com um público que vai desde fãs mais antigos, que viveram o início da cena nos anos 90 até adolescente que não tem idade para ir aos shows. *A Janela*, assume a inquietação e o caráter inovador da banda *O Círculo* que tem formação bem mais recente do que o *Cascadura*. Como o título do CD “Estamos em toda parte” e o seu “rock popular brasileiro” afirmam as marcas transgressoras e questionadoras deste gênero musical percebidas também em seu público jovem, alternativo, culto e engajado, no clipe não poderia ser diferente. As marcas do rock são mais presentes em *A Janela* do que em



Mesmo Eu Estando do Outro Lado. Tanto na letra da música, na entonação do vocalista, nos *riffs* de guitarra, quanto nas imagens com referência a expressões artísticas e recursos da vídeo-arte. No entanto, a análise dos clipes permite observar que a peça musical-imagética mais estrategicamente atraente para o telespectador é o *Mesmo eu estando do outro lado*, levando também em consideração o conjunto banda (como representante do gênero rock e do cenário independente baiano), música, técnica escolhida para o videoclipe, distribuição e repercussão.

REFERÊNCIAS

CASCADURA. **Mesmo eu estando do outro lado**: videoclipe. [n.l.]: Youtube, 2008. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=pcmX6J6S6Xs>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

CERDEIRA, Abel. Transgressões: um olhar sobre gramática visual e consumo de imagens pelos meios de comunicação na contemporaneidade. In: REGIOCOM, 2007, Fortaleza. **Trabalho...** Fortaleza, 2007.

O CÍRCULO: blog. Disponível em: < <http://bandaocirculo.blogspot.com/search?updated-min=2007-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2008-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=7>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

O CÍRCULO: blog [maio 2009] Salvador, [2006?] Disponível em: <http://bandocirculo.blogspot.com/2008/09/entrevista_25.html>. Acesso em: 22 maio 2009. Entrevista concedida pela banda O Circulo.

O CIRCULO. **A janela**: videoclipe. [n. l]: Youtube, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZsHaQt2zan0>>. Acesso em: 03 dez. 2008

FOTOLOG da banda Cascadura. Disponível em: <<http://www.fotolog.com/drcascadura>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2003.

MAGALHAES, Fábio. **Fábio Magalhães** [abr. 2009]. Entrevistador: Luciano Matos, Beto Barreto e Ronei Jorge. Salvador: Programa Radioca, 2009. Disponível em: <<http://radioca.wordpress.com/2009/04/29/radioca-26-fabio-cascadura/>>. Acesso em: 22 maio 2009. Entrevista concedida ao Programa Radioca.

MAGALHAES, Fábio. **Fábio Magalhães**: entrevista com vocalista da Banda Cascadura [set. 2007]. Entrevistador: Alexandra Paioli. São Paulo: Programa Arquivo Pop, 2007. Disponível em < http://overmundo.com.br/banco/arquivo-pop-entrevista-fabio-magalhaes-do-cascadura_>. Acesso em: 22 maio 2009. Entrevista concedida ao Programa Arquivo Pop.

SOARES, Thiago. O videoclipe como articulador dos gêneros televisivo e musical. In: INTERCOM, 2007, Salvador. **Trabalho...** Salvador, 2007.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



_____. O videoclipe no horizonte de expectativas do gênero musical. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 4, 18 p., dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/52/52>>.